



## **Dalmiro Bustos no Brasil e em cada um de nós: aportes teóricos e ressonâncias pessoais no psicodrama**

**Coordenadora Rosa Cukier<sup>1</sup>**

**Maria Célia Malaquias 2**

**Adelsa Maria Alvarez Lima da Cunha 3**

**Maria Luiza Vieira Santos 4**

### **RESUMO**

Dalmiro Manuel Bustos ocupa um lugar singular e estruturante na história do psicodrama brasileiro. Sua contribuição ultrapassa a dimensão de autor e teórico, configurando-se como presença formadora que marcou gerações de psicodramatistas por meio de grupos de formação, supervisões clínicas e uma prática profundamente implicada com o sofrimento humano. Sua obra consolidou no Brasil um psicodrama clínico denso, articulado à psicodinâmica intrapsíquica, aos vínculos e à dimensão regressiva do psiquismo, sem perder a fidelidade aos fundamentos sicionômicos de J. L. Moreno.

Bustos introduziu uma leitura ampliada do funcionamento psíquico no campo psicodramático, integrando dramatização, simbolização e elaboração regressiva em um mesmo eixo clínico. Ao desenvolver conceitos como a organização bipessoal da sessão, a importância da regressão como via terapêutica estruturante e a compreensão do conflito psíquico como cena repetida, contribuiu para aprofundar a técnica psicodramática, aproximando-a de uma clínica comprometida com as dimensões inconscientes do sujeito. Sua proposta clínica sempre esteve sustentada por rigor teórico, sensibilidade relacional e ética do cuidado.

Mais do que sistematizador de conceitos, Bustos foi transmissor de uma atitude clínica. Sua forma de escutar, dirigir e conter dramatizações influenciou modos de ser terapeuta. Muitos psicodramatistas brasileiros não apenas estudaram sua obra, mas viveram sua presença em processos formativos prolongados, o que produziu ressonâncias subjetivas que ultrapassam o campo conceitual. Sua marca encontra-se na maneira como conduzimos aquecimentos, manejamos resistências, trabalhamos transferências e sustentamos processos regressivos com continência emocional.

---

<sup>1</sup>Psicodramatista didata Supervisora- Psicóloga desde 1974 pela PUCSP; Psicanalista desde 1983 pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo; psicodramatista, didata supervisora pela SOPSP – Sociedade de Psicodrama de São Paulo – e pelo Instituto J.L. Moreno de São Paulo. Autora de livros. [rosacukier@uol.com.br](mailto:rosacukier@uol.com.br)

2 Psicodramatista Didata Supervisora, SOPSP – Sociedade de Psicodrama de São Paulo, Psicóloga. Mestre em Psicologia Social, PUCSP. Diretora de Psicodrama pelo Instituto J.L. Moreno. Coordenadora do Grupo de estudos de Psicodrama e relações raciais - Quilombo Malaquias. Autora e Organizadora e coautora de livros.

3 Psicóloga, psicodramatista Didata Supervisora pela FEBRAP; especialista em Psicologia Clínica pelo CRP/SP; diretora de Psicodrama pelo Instituto J. L. Moreno de Buenos Aires, Argentina; especialista em Terapia de Casais pelo Instituto J. L. Moreno de Buenos Aires, Argentina. Organizadora e coautora de livros.

4 Psicóloga pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Psicodramatista didata, supervisora, focos psicoterápico e socioeducacional pela Federação Brasileira de Psicodrama- FEBRAP. Diretora de Psicodrama pelo Instituto Jacob L. Moreno de Buenos Aires- São Paulo. Psicoterapeuta de crianças e adolescentes, individual e grupos (coterapia com psicopedagoga). Coautora de livros. Orientadora de pais e professores: palestras e assessoria a escolas e instituições ligadas à Infância e Adolescência. Professora e supervisora na Sociedade de Psicodrama de São Paulo- SOPSP- e professora convidada em outras Federadas. Consultora voluntária em projetos de saúde mental e educação.



Esta mesa-redonda propõe revisitar a contribuição de Dalmiro Bustos a partir de dois eixos indissociáveis: (1) seus principais aportes teóricos ao psicodrama clínico brasileiro e (2) as ressonâncias formativas, subjetivas e clínicas que sua obra produziu — e ainda produz — em psicodramatistas de diferentes gerações. Pretende-se evidenciar a atualidade de seu pensamento frente a questões contemporâneas como trauma, defesas intrapsíquicas, intersubjetividade, vínculos primários e elaboração simbólica.

Metodologicamente, a mesa será estruturada em exposições teórico-clínicas breves, articulando revisão conceitual da obra de Bustos com vinhetas clínicas e relatos de experiência formativa. Serão utilizados recursos audiovisuais para apresentação de referências bibliográficas, capas de obras e citações centrais, além de reflexões pessoais como dispositivos de transmissão intergeracional. A atividade será concluída com um espaço de processamento coletivo, favorecendo ressonâncias e elaboração compartilhada, em consonância com os princípios metodológicos do psicodrama.

Espera-se contribuir para o aprofundamento teórico do psicodrama brasileiro, fortalecer a transmissão intergeracional do saber psicodramático e oferecer subsídios clínicos para a prática contemporânea. Ao legitimar a dimensão subjetiva da transmissão do conhecimento, esta proposta reafirma que o psicodrama se constrói tanto no campo conceitual quanto na experiência viva de encontro, vínculo e transformação.

**Palavras-chave:** Dalmiro Bustos. Aportes Teóricos. Ressonâncias.



## **BUSTOS: PRESENTE NA MINHA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL**

**Maria Célia Malaquias**

### **INTRODUÇÃO**

Dalmiro Manuel Bustos, no Brasil, simplesmente Bustos, estudioso das relações humanas, criou laços profundos com o país e com o psicodrama brasileiro. Durante quase meio século, formou centenas de psicodramatistas que se deslocavam de suas cidades de origem para São Paulo, vindos de todas as regiões do Brasil, para estar com Bustos em seus grupos. Como aluna em formação em psicodrama, conheci Bustos por meio de seus livros e pela escuta de relatos de colegas que participavam de seus grupos. Logo, comecei a desejar conhecê-lo de perto. Naquele momento, financeiramente, era algo inatingível para mim. Mas eu sonhava que, um dia, seria possível. Em congressos, aproveitava todas as oportunidades para participar de suas atividades, mas não tinha coragem de me aproximar dele.

Guardo nas minhas melhores memórias afetivas o dia em que participei de um psicodrama público dirigido por Bustos, em São Paulo, no espaço de colegas psicodramatistas, cujo título era “Nome, sorte ou destino?”. Ao final da vivência, aproximei-me dele. Fui recebida com um abraço e um sorriso que despertaram em mim uma profunda sensação de acolhimento e aceitação, marcando-me profundamente.

Cerca de um mês após esse momento, eu estava na Rua Diana (consultório histórico de Bustos, em São Paulo), na minha primeira sessão de grupo autodirigido. Era meados do ano 2000. Desde então, até dezembro de 2019, permaneci com Bustos em grupo autodirigido, supervisão e terapia individual.

Ao longo desse percurso, enfrentei muitos desafios. Financeiramente, renunciei a muitas coisas para conseguir custear uma formação de alto investimento para minha realidade. Durante todos esses anos, em grupos compostos majoritariamente por pessoas brancas, eu era a única pessoa preta naquele espaço. Em um país marcado pelo racismo estrutural e sistêmico, que impede pessoas negras de terem acesso a determinados ambientes, tenho consciência de que sou exceção — e de que minha presença explicita desigualdades.



Bustos, com sua maestria relacional, pessoal e profissional, lidava de maneira ímpar com essas diferenças, viabilizando que, no contexto grupal, cada participante se sentisse único, visto em sua inteireza, em suas semelhanças e diferenças. Ele oferecia um contorno grupal continente, facilitando que o melhor de cada pessoa pudesse estar ali disponível para o outro e para o grupo. Esse processo era profundamente transformador.

## **METODOLOGIA**

Utilizamos, nesta pesquisa, o relato de experiência como metodologia. Visamos apresentar, de forma organizada, objetiva e crítica, minha convivência por quase duas décadas com Bustos, em um processo de educação continuada na minha formação como diretora de psicodrama pelo Instituto J. L. Moreno.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual buscamos relacionar os resultados a alguns aspectos da teoria e da prática desenvolvidas por Bustos.

## **FUNDAMENTAÇÃO**

Neste 25º Congresso Brasileiro de Psicodrama, cujo tema é “Territórios, Memórias e Transformações”, considero relevante, colocar em cena parte da vida e da obra de Dalmiro Bustos. No que diz respeito a Bustos — ou melhor, para aqueles que tiveram o privilégio de aprender diretamente com ele — vida e obra se confundem.

Desde 1999, trabalho com psicodrama na perspectiva das relações raciais. Compreendo a racialidade na sociedade brasileira, em que todas as pessoas são racializadas, e os graves problemas de desigualdade que estruturam nossa sociedade. Busco, nos pressupostos teóricos e práticos do psicodrama, possibilidades de ações que contribuam para a inclusão.

Guerreiro Ramos já visualizava essas possibilidades ao trabalhar com psicodrama dentro do movimento social negro, no Teatro Experimental do Negro, apenas seis décadas após a abolição oficial da escravidão negra, no Brasil.

Bustos teve papel fundamental no desenvolvimento e no reconhecimento do meu trabalho. Um de seus ensinamentos, presente em minhas produções, ecoa em mim a sua voz: “Não se trata apenas do que você sabe ou do que você faz, mas de quem você é.”



Bustos valorizava e nos alertava para a importância do compartilhar — isto é, falar de si. Em seu capítulo “O grito de Narciso” (Malaquias, 2020, pp. 83-92), afirma:

“Como meu método para comunicar o tema em questão é psicodramático, vou começar com minhas experiências pessoais, as que sustentam meus caminhos e meus pensamentos.”

Nesse texto, Bustos compartilha memórias de quando, aos 22 anos, recém-formado em medicina, mudou-se para os Estados Unidos para especializar-se em psiquiatria. Era época de segregação racial. Na cena descrita — que tive a oportunidade de ouvi-lo compartilhar, com lágrimas nos olhos, algumas vezes em grupo — ele relata que viveu, com a bebê Deborah, de oito meses, com queimaduras pelo corpo, e sem vaga na ala de queimados,

“...corri com a pequena Deborah até o setor de brancos, onde havia leitos sobrando... Não me permitiram deixar a bebê na sala dos brancos, e Deborah morreu desidratada em meus braços.”

Bustos, compartilha dizendo: “Deborah continua viva em minhas veias ...lembrando que eu não quero pertencer a esse mundo assassino”.

Bustos também nos ensina sobre o compartilhar após a dramatização como elemento essencial de elaboração e reintegração do vivido. Se o aquecimento prepara, e a dramatização explicita o conflito, o compartilhar permite que a experiência seja simbolicamente recolhida pelo grupo.

Cada integrante deve falar a partir de si, expressando as próprias vivências, lembranças e emoções mobilizadas, preservando o protagonista de invasões ou julgamentos e evitando que o momento se transforme em debate racional (Bustos, 2005).

Ao compartilhar de onde vim, o que trago na minha bagagem, ao revisitar minhas memórias e honrar quem chegou antes, volto-me ao presente e aos desafios da atualidade, que nos convocam a ações transformadoras.

Na perspectiva moreniana dos pequenos grupos e nos ensinamentos de Bustos — confiar no método e, de maneira singular, ser quem se é — parece-me residir a possibilidade de sobreviver e, quiçá, um dia viver plenamente.

Gratidão, Bustos. Sua presença em mim não me deixa esquecer que esperar é possível.

## REFERÊNCIAS

BUSTOS, Dalmiro Manuel. O grito de Narciso. In: MALAQUIAS, Maria Célia (org.). Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões. São Paulo: Ágora, 2020.



BUSTOS, Dalmiro Manuel. O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ágora, 2005.

MALAQUIAS, Maria Célia (org.). Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões. São Paulo: Ágora, 2020.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Teoria e prática do psicodrama. Publicado originalmente em Quilombo (Rio de Janeiro, n. 6, 1950, pp. 6-7). Fonte utilizada neste texto: NASCIMENTO, Abdias (org.). Quilombo: problemas e aspirações do negro brasileiro. São Paulo: Fusp/Ed. 34, 2003, pp. 76-77; e RAMOS, Alberto Guerreiro. Negro Sou: a questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-1973). Organização de Muryatan S. Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2023



## **BUSTOS: PRESENTE NA MINHA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL**

**Adelsa Maria Alvarez Lima da Cunha**

### **RESUMO**

Falar da importância de Dalmiro M. Bustos é falar de como alguém, com seu exemplo e conhecimento, consegue formar tantas pessoas, marcar suas vidas e seu modo de ser psicoterapeuta. Para além do saber, o sentir, o olhar confirmador a cada um em sua singularidade era um talento especial de Bustos. Ele via o melhor em cada um.

Posso dizer que foi ele quem me formou como psicoterapeuta. Estive com ele por mais de 30 anos, em diversos papéis: primeiro em terapia, depois em grupo autodirigido e também em supervisão. Portanto, ele me acompanhou em todo o meu desenvolvimento pessoal e profissional e acreditou em mim, mesmo quando eu duvidava.

Mas, para além do afeto, ele sempre incluía processamentos dos trabalhos realizados, permitindo a todos um aprofundamento teórico necessário à nossa prática.

Dentre os muitos ensinamentos, um foi fundamental para mim e quero aqui explorá-lo um pouco: a teoria dos clusters de papéis.

Embora Moreno tenha criado o conceito — “Os papéis não funcionam isoladamente; ao contrário, tendem a formar clusters (ramos, cachos). Há uma transferência de espontaneidade desde papéis não atuados para os que são atuados no presente. Essa influência chama-se efeito ‘clusters’.” —, Bustos, ao indagar como se formam os clusters e quais dinâmicas selecionam os papéis para se agruparem deste ou daquele modo, partindo da teoria da matriz de identidade e considerando a ordem evolutiva do ser humano, pensou que existem três dinâmicas essenciais que dão origem aos três clusters de papéis, a saber: cluster 1 ou materno; cluster 2 ou paterno; e cluster 3 ou fraterno.

A compreensão desse efeito cluster é muito útil para entender o sofrimento humano, independentemente da visão patológica, e nos permite perceber como, diante da antecipação de uma conduta, um determinado papel fica “contaminado” por esse efeito, gerando comportamentos que visam a um determinado tipo de complementariedade.



Serão exploradas, resumidamente, as principais características de cada um dos clusters de papéis, bem como as emoções básicas predominantes em cada um deles.

Outro ponto importante é a reflexão de que o papel de psicoterapeuta deve ser exercido com características dos três clusters, dependendo do momento de vida do cliente. Ou seja, é necessário ser capaz de operar nas três dinâmicas essenciais a serviço do crescimento do cliente.



## **BUSTOS: PRESENTE NA MINHA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL**

**Maria Luiza Vieira Santos**

### **RESUMO**

Dalmiro Manuel Bustos desenvolveu um modelo de atendimento para a formação de Diretores de Psicodrama, que chamou de grupo autogerido, promovendo a formação e a supervisão de inúmeros psicodramatistas ao longo de quase cinquenta anos de trabalho no Instituto J.L. Moreno, entre Buenos Aires e São Paulo.

A proposta do grupo autogerido é, ao mesmo tempo, pedagógica, usando o método roleplaying para o desenvolvimento dos papéis sociais de diretor, ego auxiliar, processador e protagonista; e terapêutica, oportunizando a cada um vivenciar o papel de diretor e protagonista, sociometricamente escolhidos pelo grupo. A supervisão realizada por um coordenador/facilitador traz, além da integração do conhecimento com a emoção e o afeto, um modelo de formação que opera, em cada participante, verdadeira transformação pela riqueza da experiência compartilhada.

### **FUNDAMENTAÇÃO**

Bustos aprendeu Psicodrama com Moreno: diretamente na fonte.

Participou de temporadas com JL Moreno e Zerka em Beacon, onde aconteciam três sessões diárias, com supervisão e discussões, aprofundando as correlações entre a teoria e as experiências vivenciadas. Era uma atividade similar ao que hoje denominamos residência. Assim começou a receber as primeiras lições e compreender a proposta moreniana que escapava de papéis fixos no processo de ensino/aprendizagem, sem dissociar e sim buscando, cada vez mais e sempre, integrar.

Durante muitos anos, viajou para descobrir uma possibilidade totalmente diferente do que havia feito até então, já que, anteriormente, sua experiência havia sido com psicanálise. Ali os conteúdos eram aprendidos desde dentro, vivendo intensamente os papéis de protagonista, diretor e ego auxiliar.



Foi dessa maneira que, mais tarde, decidiu seguir ensinando os que, como ele, escolheram o Psicodrama, renunciando à tranquilidade do previsível, com a convicção de que esse não era o único caminho, mas sim o que lhe foi ensinado por Moreno e que escolheu oferecer aos seus alunos.

Assim, adaptou e recriou um método baseado no sistema de Beacon para grupos com dinâmicas e sociometrias distintas, mantendo sempre a proposta de ensinar de forma vivencial.

A perspectiva de aprender desde o saber implícito, saber interior, sem perder a singularidade e a individualidade que tingem o conhecimento com as cores da subjetividade de cada um, confirmando a potência, a criatividade e o surgimento da espontaneidade, foram as marcas dessa forma de aprender que veio a ser também sua forma de ensinar. Ao longo de muitos anos de sua vida, veio mensalmente para o Brasil, contribuindo enormemente para a formação de muitos psicodramatistas.

O que Bustos chamou de Grupo Autodirigido é uma atividade que reúne um grupo de profissionais que, com um coordenador, se propõe a aprender psicodrama fazendo psicodrama. Cada sessão é um encontro para aprender, sem que nenhum dos participantes saiba previamente qual vai ser seu papel naquele dia: diretor, protagonista, plateia, ego auxiliar, processador. A integração da teoria às técnicas, unindo conhecimento e vivência, facilita sobremaneira a aprendizagem ativa e concomitante com as emoções. E cada sessão proporciona uma experiência rica pela diversidade de papéis, pelas inúmeras possibilidades que oferece, pela imprevisibilidade e, mais do que tudo, pela integração de teoria e prática, permeadas pelo afeto que proporciona a verdadeira aprendizagem e o desenvolvimento do papel de Diretor e Coordenador de grupo.

Cada participante tem a oportunidade de treinar os vários papéis e de aprender Psicodrama à luz de suas vivências pessoais. Em cada sessão, alternam-se papéis, assim como alternam-se possibilidades e sentimentos. À potência do papel de Diretor, contrapõe-se a fragilidade do papel de Protagonista. Ao conforto de ser Plateia, se alterna a responsabilidade de registrar cada passo da sessão no papel de Processador, organizando os registros à luz da teoria, para que Diretor, Protagonista e Plateia retomem o passo a passo do percurso e possam também repensar outras possibilidades de acordo com a subjetividade de cada um.



Ao final de cada sessão, o momento do compartilhar resgata a simetria de papéis, trazendo o olhar de cada um para si mesmo, para seus dramas e dores, com possibilidades de verdadeiros encontros nesse palco, que se torna então o lugar de todos em busca de sua verdade.

## **OBJETIVOS**

Pretende-se, com a participação nessa mesa, apresentar o método de aprendizagem desenvolvido por Bustos que, a partir de sua experiência em Beacon, recriou um novo modelo e método de ensino. Sua ideia de reunir grupos de profissionais para treino e reciclagem inovou a forma de ensinar Psicodrama por meio de uma proposta pedagógico-terapêutica, baseada nas vivências pessoais de cada integrante do grupo, com foco no relacional, na ação e no encontro.

E mais do que apenas um relato ou uma exposição teórica, pretende-se compartilhar o aprendizado e as ressonâncias da experiência rica e desafiadora vivida ao longo de vinte e quatro anos de convivência com esse mestre.

## **METODOLOGIA**

A apresentação será de forma expositiva, articulando revisão histórica com conceitos teóricos, compartilhando a rica experiência de vivenciar aprendendo e aprender com o vivenciado.

## **RESULTADOS ESPERADOS BENEFÍCIOS PREVISTOS**

Pretende-se, além de homenagear Bustos, trazer uma parte de seu legado como estímulo para novas gerações de psicodramatistas, enfatizando a validade desse caminho para aprender e ensinar Psicodrama, baseado na espontaneidade, na força do grupo, na ação e na relação.

## **REFERÊNCIAS**

**BUSTOS, Dalmiro Manuel.** *Psicoterapia psicodramática*. São Paulo: Brasiliense, 1982.



**BUSTOS, Dalmiro Manuel.** *O psicodrama: fundamentos e técnicas*. 2. ed. São Paulo: Ágora, 1992.

**BUSTOS, Dalmiro Manuel.** *Em busca do homem perdido*. São Paulo: Ágora, 1990.

**BUSTOS, Dalmiro Manuel.** *Manual de psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1999.

**BUSTOS, Dalmiro Manuel.** *Psicodrama e psicoterapia*. São Paulo: Ágora, 2005.